

AS NOVAS MÍDIAS E O ENSINO DA COMUNICAÇÃO ORAL NA LÍNGUA INGLESA: a eficiência de recursos tecnológicos para correções da pronúncia e entonação dos enunciados

Álvaro José Maria Filho¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é avaliar a eficiência das novas mídias no que tange à redução do sotaque dos brasileiros nos enunciados na língua inglesa. Para esse fim, foi selecionado um aluno, com nível de conhecimento intermediário no idioma inglês, do ensino médio de uma escola pública profissionalizante. Ele submeteu suas produções orais à avaliação de recursos tecnológicos modernos e, em seguida, foi levado a repetir seus enunciados para se certificar se os novos recursos tecnológicos eram úteis para correção dos desvios de pronúncia e entonação de seus enunciados. Os resultados apontaram que os instrumentos testados foram capazes, com alguma limitação, de indicar ao aluno onde se encontravam seus erros de pronúncia e entonação. Muito embora tais recursos não se mostrarem capazes de corrigir imediatamente alguns desvios segmentares e prosódicos, acredita-se que eles são importantes recursos auxiliares na aquisição da habilidade oral dos alunos, pois indicam visualmente o ponto que deve ser trabalhado para que se adquira uma produção oral satisfatória.

Palavras-chave: Sotaque. Novas mídias. Pronúncia

1 – INTRODUÇÃO

Para que uma sociedade exista, é importante que os membros que a compõem estejam em constante interação, se comunicando, compartilhando conhecimentos, ideias e expressando sentimentos, de tal forma a consolidar suas relações. Portanto, a comunicação é o elemento que alicerça um grupo humano, tornando-o capaz de subsistir ao tempo.

Nos dias de hoje, graças aos novos recursos tecnológicos, a comunicação se dá de maneira espantosamente rápida, mas até a invenção da imprensa por Gutemberg, em 1439, ela se dava de forma precária e limitada. A máquina tipográfica criada pelo alemão revolucionou a forma do homem se comunicar, dando início a uma nova era nas comunicações.

¹ Professor de língua inglesa e língua portuguesa do IFES- Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Nova Venécia-ES; Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória-ES; Graduado em Letras pela Faculdade Castelo Branco de Colatina, ES; Especialista em Didática do Ensino Superior pelo Instituto de Ensino Superior de Nova Venécia, ES.

Após a invenção da imprensa, com base em pesquisas, cientistas dominaram os conhecimentos para a produção da eletricidade e criaram o rádio e a TV, recursos conhecidos hoje como *mídias*.

O termo “mídia” é ampliado por Santaella*, o qual afirma que

No sentido mais estrito, mídia se refere especificamente aos meios de comunicação de massa, especialmente aos meios de transmissão de notícias e informação, tais como jornais, rádio, revistas e televisão. Seu sentido pode se ampliar ao se referir a qualquer meio de comunicação de massas, não apenas aos que transmitem notícias. Assim podemos falar em mídia para nos referirmos a uma novela de televisão ou a qualquer outro de seus programas, não apenas aos informativos. Também podemos chamar de mídias a todos os meios de que a publicidade se serve, desde outdoors até as mensagens publicitárias veiculadas por jornal, rádio, TV. Em todos esses sentidos, a palavra “mídia” está se referindo aos meios de comunicação de massa. Entretanto o surgimento da comunicação teleinformática veio trazer consigo a ampliação do poder de referência do termo “mídias” que, desde então, passou a ser referência a quaisquer tipos de comunicação e até a aparelhos, dispositivos ou mesmo programas auxiliares da comunicação. (SANTAELLA, 2002, p.44-45)

Muitos discordam da ampliação dada por Santaella ao termo *mídia*, por incluir nessa categoria a comunicação teleinformática, uma vez que a consideram uma forma de comunicação pertencente às *novas mídias*.

O termo *novas mídias* é definido de várias formas. Williams, Stover and Grant (1994), por exemplo, definem-no como as aplicações de microeletrônicos, computadores e telecomunicações que oferecem novos serviços ou melhoram os antigos.

Para outros autores, as novas mídias possuem características específicas que as diferenciam das velhas mídias.

Negroponete (1995), por exemplo, sugere que uma das coisas que distingue as novas mídias das antigas é que aquelas se baseiam na transmissão de bits digitais, enquanto estas se baseiam em átomos físicos.

Pavlik (1998) aponta que, para o consumidor das mídias, as maiores diferenças entre as novas e as antigas residem no fato de que naquelas há maior uso e controle por parte do usuário.

O surgimento desses novos recursos tecnológicos trouxe como resultado a criação de ferramentas para a execução de variadas tarefas em diferentes áreas profissionais, dentre elas, a Educação.

Segundo os PCN's, um dos objetivos da Educação no nível fundamental é capacitar o aluno a

utilizar as diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (BRASIL, 1998, pp. 7-8)

Portanto, a escola deve transmitir aos seus alunos os conhecimentos necessários para que dominem as diferentes linguagens, dentre elas, a verbal, a qual se utiliza da língua portuguesa para se concretizar.

Entretanto, a aquisição da competência comunicativa verbal não se resume apenas à língua mãe. Os alunos precisam também adquirir a competência linguística em outros idiomas, principalmente na língua inglesa, uma vez que, em um mundo globalizado, ela tem se tornado uma ferramenta extremamente importante na expansão das relações interpessoais.

Atualmente, as novas mídias são empregadas no ensino do idioma inglês, objetivando levar o aluno a adquirir proficiência nas quatro habilidades comunicativas do idioma, a saber, a escrita, a leitura, a audição e a fala.

Apesar de todo o investimento científico para criação de instrumentos que propiciem aos alunos o domínio das quatro habilidades, uma delas tem-se apresentado como a mais difícil de ser adquirida: a expressão oral.

Por isso, questiona-se se esses recursos são verdadeiramente eficientes para capacitar o aluno no que concerne ao domínio da habilidade oral na comunicação.

Foi na busca pela resposta a esse questionamento, que o presente trabalho teve como foco analisar e avaliar algumas ferramentas das novas mídias utilizadas para melhorar o desempenho dos alunos em sua produção oral em língua inglesa.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 As novas mídias no ensino de Língua Estrangeira (LE)

No anseio de se obter ferramentas que propiciassem um ensino de qualidade, com o passar dos anos, grandes mudanças ocorreram em relação aos recursos didático-pedagógicos adotados nas escolas, os quais, inicialmente, eram denominados de *meios de ensino* e, posteriormente, passaram a ser reconhecidos como *recursos audiovisuais, educação visual, material de instrução, educação audiovisual, recursos de aprendizagem, meio educacional, tecnologia da educação, comunicação educacional e engenharia audiovisual* (MEGDA, 1975, p. 39).

Wilbur Schramm criou o quadro abaixo, onde são apresentados cronologicamente os recursos pedagógicos utilizados nas escolas, de acordo com suas gerações.

Classificação de Recursos Segundo a Evolução e Aplicação

		Introd. nas escolas	Ensino coletivo ou individual	Características
PRIMEIRA GERAÇÃO	Demonstrações, explicações no quadro	Muito antiga	Coletivo	Não Necessitam
	Exposições, modelos, quadros, mapas, etc.	Muito antiga	Ambos	Dispositivos eletrônicos
SEGUNDA GERAÇÃO	Manuais, livros de classe, testes, etc.	Após 1450	Individual	Máquina no processo de informação indústria do livro escolar
TERCEIRA GERAÇÃO	Gravações	Séc. XIX e XX	Ambos	Máquina na reprodução de textos e como substituição da vista e do ouvido
	Fotografias, diapositivos, filmes fixos, epidiascópio etc.	Séc. XIX e XX	Coletivo	
	Rádio	Após 1920	Ambos	Menor Abstração O aluno vê e ouve Grande progresso
	Filmes mudos e sonoros	Séc. XX	Coletivo	
QUARTA GERAÇÃO	Televisão educativa	Após 1950	Ambos	Comunicação estabelecida entre o homem e a máquina
	Laboratório de línguas	Após 1950	Ambos	
	Instrução programada	Muito recente	Individual	
	Emprego de computadores	Muito recente		

Fonte: TURRA e outros. Planejamento de Ensino e Avaliação. Porto Alegre, Emma, 1995

Conforme o quadro apresentado, a inclusão das antigas mídias como ferramentas pedagógicas no ensino se deu na terceira geração, a partir do século XIX, com a inclusão de recursos como o rádio, filmes, tanto mudos como sonoros, e da televisão educativa.

Somente após 1950, quando se inicia a quarta geração, com a inclusão dos computadores, é que são adotados materiais tecnológicos da nova mídia na educação, trazendo inclusive benefícios ao ensino de idiomas, ao propiciar a criação dos laboratórios de línguas. A partir de então, as instituições de ensino passaram a contar com ferramentas que, conforme a tabela de Schramm, trouxeram um grande progresso ao processo de ensino-aprendizagem.

Com a introdução dos computadores na Educação, iniciou-se um novo campo de estudos na aprendizagem de línguas, o CALL (Computer Assisted Language Learning), definido como “a pesquisa e o estudo das aplicações do computador no ensino e aprendizagem de línguas” (LEVY, 1997). O termo é também usado por professores e alunos para descrever o uso de computadores como parte de um curso de idiomas (HARDISTY & WINDEATT, 1989).

Os estudos desenvolvidos no campo CALL tornou possível a criação de recursos que pudessem ser auxiliares no ensino de idiomas, inclusive no que diz respeito à aquisição das quatro habilidades comunicativas: a leitura, a escrita, a audição e a fala.

Dessas habilidades, a fala é a que mais interessa à maioria dos alunos que pretendem aprender o idioma inglês. Entretanto, ela é a que mais apresenta dificuldades para o seu domínio, mesmo com a disponibilidade de materiais didáticos e recursos tecnológicos de ponta à disposição de alunos e professores.

Para que se encontre uma razão para essa falha, é necessária uma exposição de como o ensino da habilidade oral é visto por especialistas no assunto e como ele é processado.

2.2 O Ensino da Competência Oral na Língua Inglesa

De acordo com Stephen Krashen (1987), para se assimilar uma língua estrangeira é necessário o desenvolvimento das quatro habilidades comunicativas – compreensão auditiva, expressão oral, leitura e escrita – em situações reais de comunicação, fruto de convívio humano em ambientes autênticos aos da cultura estrangeira. Contudo, o que se observa é o grande número de alunos que, após anos de estudo, não conseguem dominar, de fato, as

quatro habilidades comunicativas para usar o idioma anglo-saxão com proficiência, especialmente no que diz respeito à produção oral.

Quanto a esse aspecto, Nicholls (2001, p.74 apud SANTOS; NEGRÃO, 2009) afirma que

a realidade do ensino do inglês nas escolas impede que o aluno adquira a competência satisfatória desejada. As amostras de inglês a que os alunos estão expostos no desenvolvimento de suas habilidades orais resumem-se geralmente à fala do professor na sala de aula, ao eventual material auditivo, com a fita cassete, o vídeo, o filme e a música e embora inadequada, devido à condição dos aprendizes, à fala de seus pares. Por isso, a questão do domínio das habilidades orais como resultado da aprendizagem na escola é bastante controversa.

O fracasso na aquisição dessa habilidade não é somente atribuído às condições e aos recursos disponíveis na escola, pois se percebe que há também um preconceito linguístico nesse sentido, uma vez que existe a argumentação de que

a exigência de uma pronúncia tão perfeita quanto a do nativo e a incorporação de hábitos culturais, ou seja, as cópias, xérox do falante nativo, não podem ter outro objetivo senão o de domínio cultural. Tal atitude de imitação perfeita é o primeiro sintoma de alienação a se detectar (MOITA LOPES, 1996, p. 42-43).

Somado a esses motivos, existe ainda o fato de que a maioria dos professores acha que o estudo da pronúncia é muito difícil e monótono para os alunos (HARMER, 2001).

Porém, deve-se levar em consideração que uma pronúncia acurada ajuda na aceitação pessoal do indivíduo em um grupo social, uma vez que o sotaque pode ser socialmente estigmatizado e contribuir para uma estereotipagem de alguns estudantes de segunda língua, e assim resultar em discriminações sociais e profissionais. (MUNRO et al., 2002). Soma-se a isso o fato de que “o número de profissionais que normalmente se comunicam em uma segunda língua em seu trabalho tem crescido com a globalização. Com o propósito de assegurar que esses alunos sejam capazes de se comunicarem eficientemente na segunda língua, é imperativo que os métodos de ensino da língua incluam práticas de pronúncia” (NERI et al., 2002).

Muitos alunos acreditam que, só pelo fato de se comunicarem com seus colegas de sala de aula e com seus professores, eles podem se comunicar facilmente em inglês. Contudo, isso não é uma garantia de sua competência oral no idioma, porque, em primeiro lugar, os

professores podem entender seus alunos com mais facilidade do que outras pessoas porque seus ouvidos já estão acostumados com erros de pronúncias e, em segundo lugar, os alunos, ao se comunicarem, possuem o mesmo sotaque e cometem os mesmos erros de pronúncia de seus colegas. Além disso, a sala de aula não representa uma situação real, onde os alunos não têm a oportunidade de dialogar com falantes nativos da língua (HARMER, 2001).

Nas palavras de Harmer (2001), a pronúncia é a primeira coisa que um falante nativo percebe durante um diálogo. Apesar de a gramática e o vocabulário serem elementos importantes de um idioma, eles se tornam inúteis se os locutores não puderem pronunciar as palavras corretamente. Para um falante nativo, um erro gramatical pode não comprometer tanto a compreensão quanto a pronúncia incorreta de uma palavra emitida pelo locutor.

Mesmo sendo de difícil execução, a emissão compreensível de uma palavra é uma das exigências básicas da competência do aluno e é também uma das características mais importantes no aprendizado de uma língua. A boa pronúncia leva ao aprendizado de um idioma, enquanto a má pronúncia promove grandes dificuldades em seu aprendizado (GILAKJANI, 2012).

Assim, não se pode ignorar a importância do domínio da habilidade oral no ensino da língua inglesa. Em um mundo cada vez mais competitivo, o domínio pleno das quatro habilidades comunicativas do idioma se faz indispensável, principalmente no que diz respeito à pronúncia correta das palavras, pois esse pode ser o diferencial que decidirá o sucesso daqueles que almejam se inserir na sociedade moderna, principalmente no mercado de trabalho.

Por isso, é interessante que se faça uma análise de ferramentas tecnológicas modernas e de seu uso nas abordagens que buscam dar ao aluno o domínio da pronúncia e das entonações corretas existentes na língua inglesa.

2.3 As Novas Tecnologias e o Aperfeiçoamento da Habilidade Oral na Língua Inglesa

Conforme visto, as novas mídias abriram as portas para possibilidades inovadoras no ensino e aquisição das quatro habilidades comunicativas do idioma inglês. Entretanto, a Revista Tecnologias na Educação – Ano 10 – Número/Vol.25 –Julho 2018
tecnologiasnaeducacao.pro - tecedu.pro.br

habilidade oral foi relegada por um bom tempo a uma posição tão secundária, que muitos a adjetivavam como “a Órfã” (GILBERT, 2010) ou “a Cinderela” (UNDERHILL, 2013).

A importância dada à competência oral no ensino da língua inglesa mudou nos últimos cinquenta anos. Nos anos 1950 e 1960, quando a abordagem áudio-lingual estava no seu auge, o objetivo do ensino da pronúncia era levar o aluno a obter o sotaque de um falante nativo, enfocando na discriminação e articulação dos sons como uma forma de melhorar a percepção e produção da fala na segunda língua. Desta forma, a fonética e a fonologia foram trazidas para a sala de aula, pois se acreditava que os conhecimentos mecânicos da produção da fala resultariam em uma pronúncia correta do segundo idioma (LAMBACHER, 1996).

Com a chegada da abordagem comunicativa no final dos anos 1960 e no decorrer dos anos 1970, a crença de que um adulto não conseguiria adquirir uma pronúncia igual à de um falante nativo levou a uma diminuição no interesse pela aquisição dessa habilidade, bem como pelo estudo dos sistemas fonéticos e fonológicos da segunda língua.

No início dos anos 1980, as abordagens centradas na comunicação para o ensino de línguas reconheceram o papel preponderante da pronúncia na melhora da habilidade oral dos alunos e sua contribuição para assegurar o sucesso da comunicação oral.

Nos dias de hoje, novas ferramentas tecnológicas têm sido criadas para melhorar os aspectos segmentares (unidades fonéticas mínimas da fala) e os aspectos suprasegmentares ou prosódicos (entonação, ritmo, tonicidade, frequência, etc.) da fala.

De acordo com a classificação de Walker (2014), esses recursos podem ser divididos em três grupos:

- a) Programas e websites com atividades para ajudar os alunos a melhorar sua pronúncia no nível segmentar e/ou suprasegmentar, ou seja, recursos para treinar a pronúncia e entonação, como o *Sounds of Speech*, *Speechace*, o *Eyespeak*, *The Sound of English*, *Praat* e o *Streaming Speech*;

- b) Programas e websites que convertem um texto em transcrição fonética como o *Photransedit*, the *Phonemic Chart Keyboard*, Lingorado e o *IPA Online Keyboard*.
- c) Programas de gravações que permitem armazenar as falas das pessoas, alguns que transcrevem a mensagem falada em mensagem escrita, como, por exemplo, o *Recorder Pro*, *Dragon Dictate*, *Audacity* ou o *Wave Pad*.

Devido ao grande número de recursos tecnológicos existentes, somente três dos que foram apresentados acima foram utilizados neste estudo.

3. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho foi realizada com base na coleta de material de áudio de gravações de falantes nativos da língua inglesa e da fala gravada de um aluno, com nível intermediário de proficiência na língua inglesa, do 3º ano do ensino médio integrado do Ifes (Instituto Federal do Espírito Santo), do campus Nova Venécia/ES.

A pesquisa foi conduzida utilizando-se os computadores do laboratório de informática do instituto, onde foram feitas análises comparativas entre as falas do aluno e a de falantes nativos, a fim de identificar os desvios de pronúncia e entonação em seus enunciados.

Após os testes, os recursos tecnológicos foram utilizados para eliminação ou redução dos traços que determinam os sotaques do aluno, tanto no nível segmentar como no nível suprasegmentar, com o intuito de se verificar a eficiência desses instrumentos nesse sentido.

A obtenção dos resultados, inicialmente dos aspectos segmentares e em seguida dos aspectos suprasegmentares, se deu através do uso das ferramentas abaixo:

Speechace

O *speechace* é uma ferramenta online, disponível no endereço <https://www.speechace.com/>, usada para o ensino e aprendizagem, que avalia os aspectos fonéticos das unidades mínimas das palavras, bem como a entonação e o ritmo das sentenças produzidas pelo locutor.

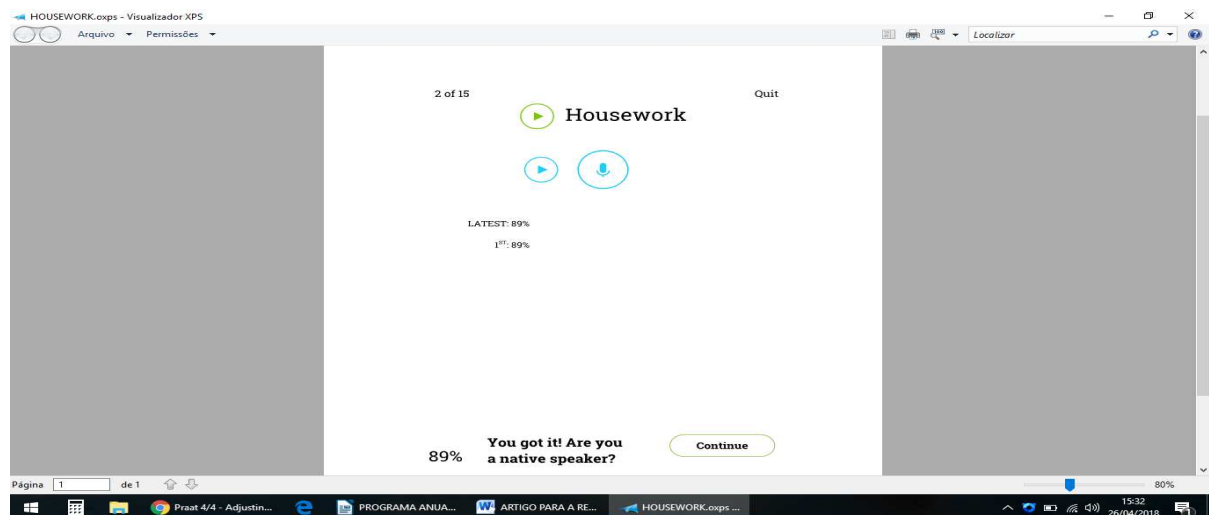
As atividades são apresentadas conforme o nível de proficiência do aluno, variando do iniciante ao intermediário, através de avaliações fonéticas das palavras produzidas isoladamente ou em sentenças, relacionadas a temas, tais como saúde, hospitalidade e cidadania.

Os desempenhos dos alunos são apresentados a eles em forma de notas.

A página apresenta os seguintes botões virtuais: um botão *play*, na cor verde, o qual, ao ser clicado, pode-se ouvir a voz de uma pessoa nativa pronunciando a palavra a ser analisada, o botão do microfone, na cor azul, o qual é usado para que o aluno possa gravar a própria voz e o botão *play*, também na cor azul, o qual permite que aluno tenha a oportunidade de ouvir a própria voz pronunciando a palavra a ser analisada.

A figura 1, na qual o objeto de teste é a palavra *housework*, apresenta como os botões descritos acima são configurados na página.

Figura 1: configurações dos botões na página do speechace



Fonte: <https://www.speechace.com/>

Com o uso desse instrumento, foram analisadas palavras que contêm fonemas que, em geral, são produzidos erroneamente pelos brasileiros, a saber, os fonemas /æ/, /ð/, /θ/, e /ɪ/. Para testar a pronúncia de cada fonema, utilizou-se uma palavra como parâmetro. Assim, para verificar a produção do fonema /æ/, usou-se a palavra *bad*, para o fonema / ð/, usou-se a

palavra *then*, para o fonema / θ/, a palavra usada foi *think* e para o fonema / ɲ/, a palavra usada como exemplo foi *singer*.

Quanto aos aspectos suprasegmentares ou prosódicos, foi analisada a tonicidade das *content words* (verbos principais, substantivos, adjetivos e advérbios), as quais são as palavras pronunciadas com mais intensidade dentro de uma sentença, um traço marcante característico do sotaque de um falante nativo.

Escolheu-se a frase *Can you take a call from her?* como paradigma, tendo em vista que nela existe um número razoável de variações de tonicidade das palavras. É importante salientar que aqui o enfoque não foi a entonação da sentença, mas a tonicidade com que algumas de suas palavras foram pronunciadas.

Os programas utilizados para esta abordagem foram os softwares *Praate* e *Eyespeak English*, conforme descritos abaixo.

Praat

O *Praat* é um software muito flexível utilizado para análise e síntese da fala, desenvolvido pelos linguistas Paul Boersma e David Weenink, do Institute of Phonetic Sciences e da Universidade de Amsterdã. Seu foco é a análise dos aspectos do som, tais como sua intensidade, sua tonalidade e sua frequência, com base nas formas das ondas de áudio produzidas. É uma ferramenta científica para aqueles que estudam linguística através da análise de espectrogramas.

Ao gravar um som, o *Praat* gera um gráfico com as formas das ondas e com os contornos que indicam a tonalidade (pitch), a intensidade, o volume e outros detalhes complexos do som produzido.

Seu download está disponível no endereço
http://www.fon.hum.uva.nl/praat/download_win.html.

Usando essa ferramenta, solicitou-se que o aluno reproduzisse a frase *Can you take a call from her?*, sem que antes ouvisse sua emissão por um falante nativo. Em seguida, ele ouviu a frase pronunciada por um inglês e a repetiu cinco vezes, para que a entonação e a intensidade de seus enunciados se aproximassem do modelo ouvido.

Eyespeak English

O software *Eyespeak English* é um programa pago que avalia tanto os aspectos segmentares como os aspectos suprasegmentares das sentenças. Para tal, o enunciado *Can you lend me some money?*, produzido por um americano, é apresentado ao aluno de forma escrita e falada. O aspecto suprasegmentar da frase é mostrado através da visualização das frequências de áudio geradas, por meio das quais se percebe suas variações de tonalidade e amplitude.

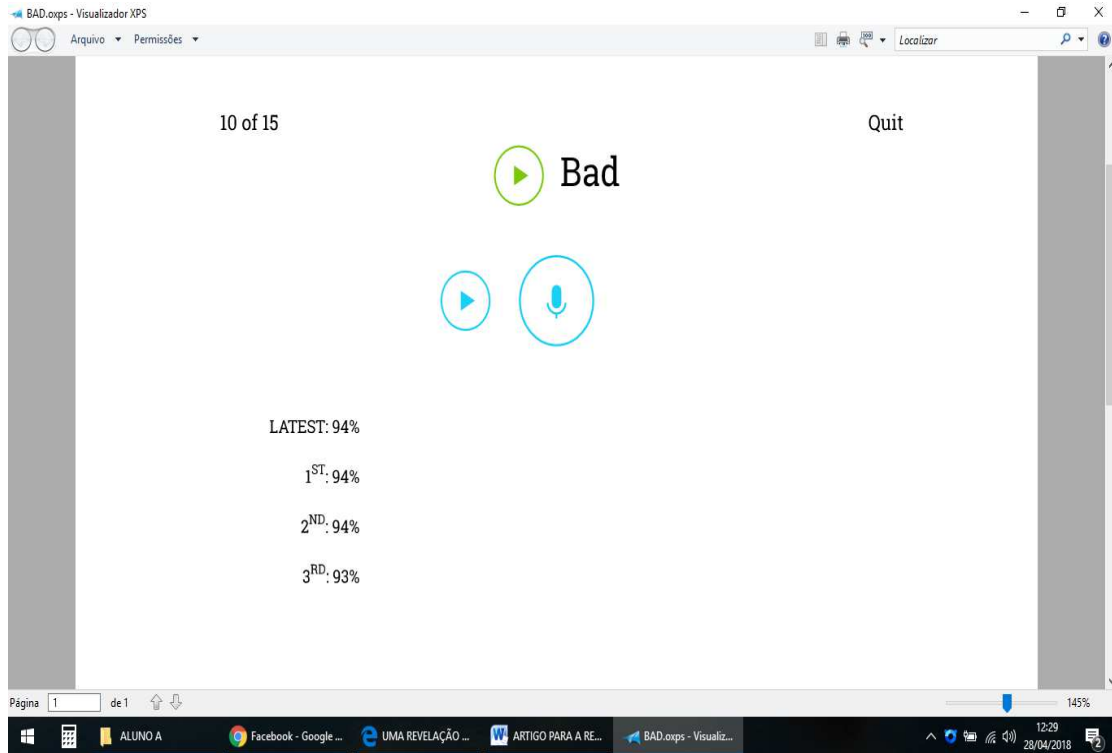
Em seguida, o aluno produz oralmente e grava essa sentença para ser avaliada pelo programa, o qual, imediatamente fornece os resultados avaliativos quanto ao aspecto geral, à pronúncia, à tonalidade, o tempo e à intensidade da frase.

De posse dos dados fornecidos pelos recursos tecnológicos acima, buscou-se certificar sua eficiência no que tange à correção e redução dos desvios segmentares e suprasegmentares dos enunciados produzidos.

4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

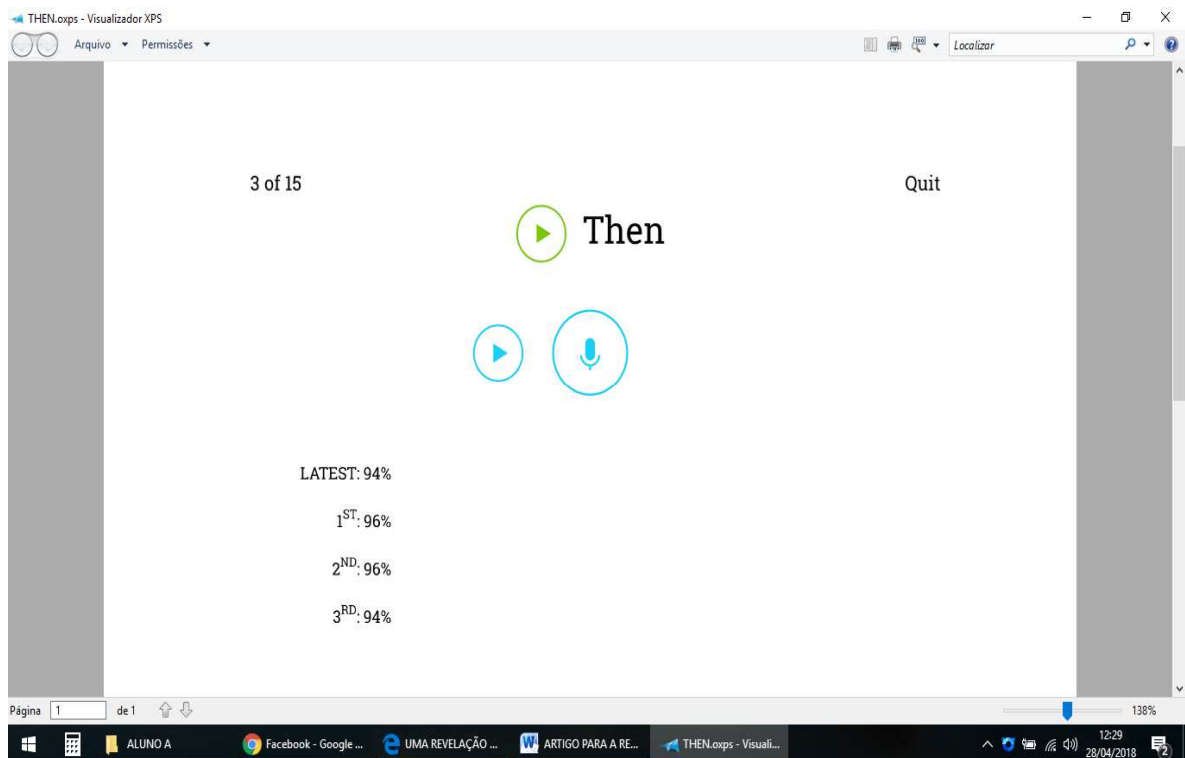
Inicialmente, o estudo se concentrou no nível segmentar das palavras, que se deu com o auxílio do recurso online *Speechace*. Foram dadas três oportunidades ao aluno para a produção oral de cada palavra abaixo. Os resultados seguintes correspondem às suas tentativas para as palavras *bad*, *then*, *think* e *singer*, respectivamente:

Figura 2: resultados das tentativas para a produção oral da palavra *bad*



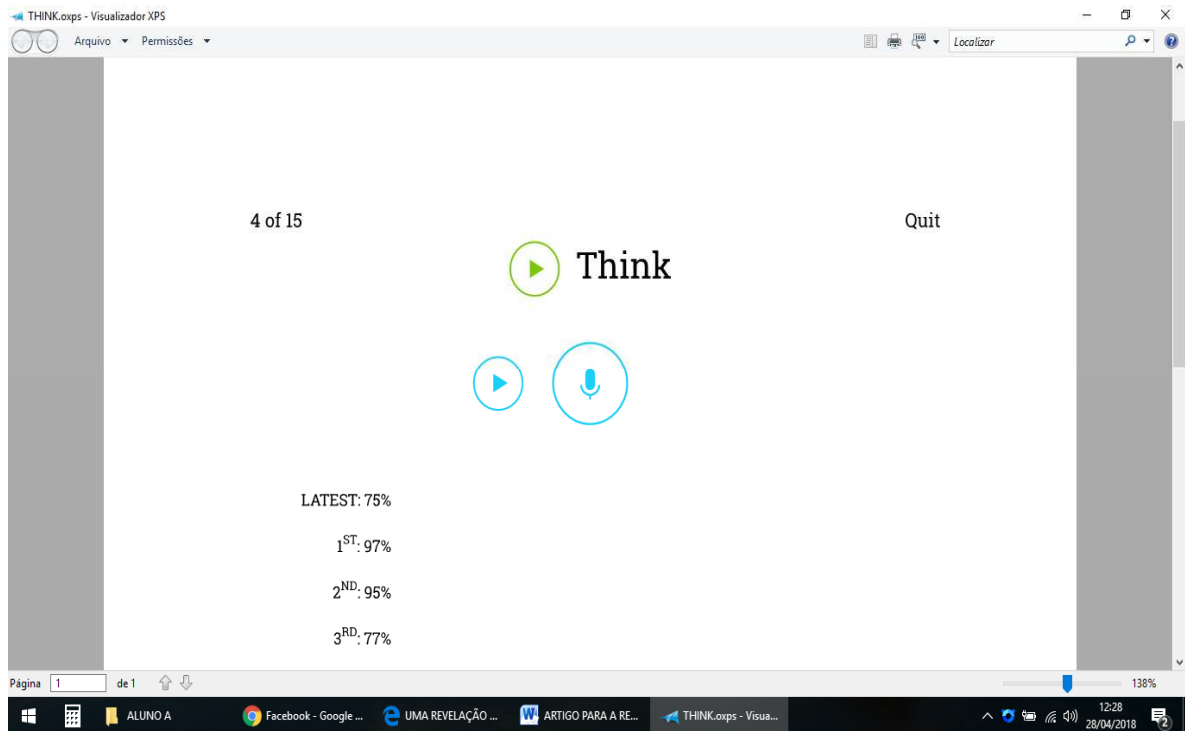
Fonte: <https://www.speechace.com/>

Figura 3: resultados das tentativas para a produção oral da palavra *then*



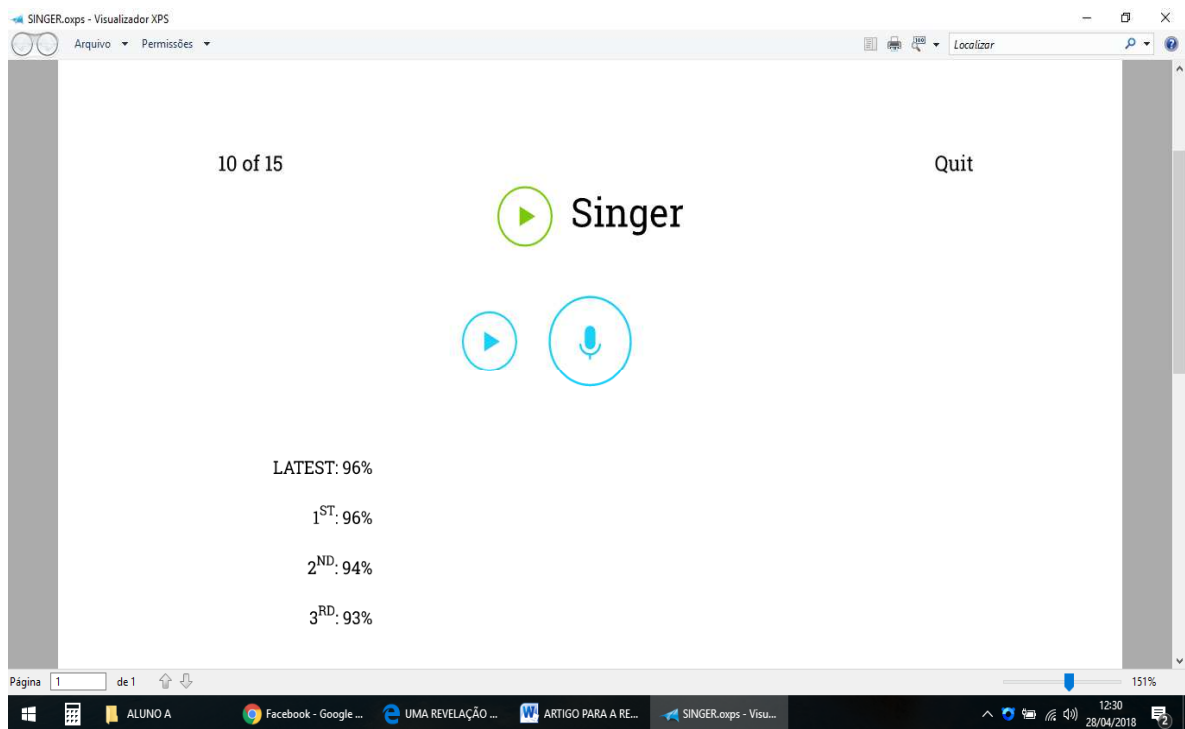
Fonte: <https://www.speechace.com/>

Figura 4: resultados das tentativas para a produção oral da palavra *think*



Fonte: <https://www.speechace.com/>

Figura 5: resultados das tentativas para a produção oral da palavra *singer*



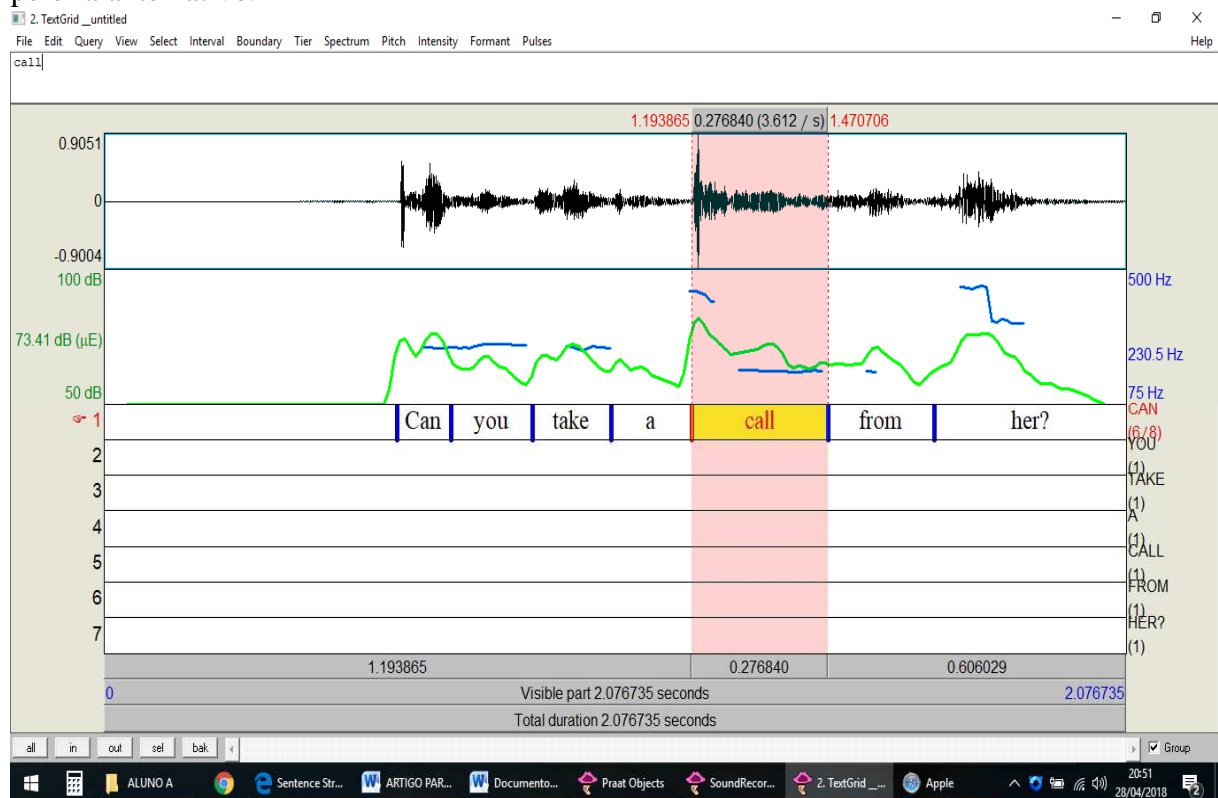
Fonte: <https://www.speechace.com/>

Conforme foi constatado, o *Speechace* mostrou-se um recurso que pode, de fato, auxiliar na correção do nível segmentar da produção oral do aluno, avaliando seu progresso após cada repetição. Entretanto, o programa não informa detalhadamente qual aspecto do fonema o aluno está produzindo de maneira incorreta (sua zona de articulação, sua intensidade e seu timbre). Desta forma, a correção se faz através de contínuas repetições, sem que seja apresentada a forma que o aparelho fonador se articula para a produção dos fonemas sob análise.

Para estudo do nível suprasegmentar, utilizou-se o *Praat*.

Um aspecto linguístico suprasegmental que muitos desconhecem é o fato de que algumas palavras são produzidas com mais intensidade do que as outras dentro de uma sentença. Essas palavras são denominadas de palavras de conteúdo (nomes, verbos, adjetivos e advérbios), e a última delas dentro de um enunciado tem sua tonicidade superior às demais. Observe a sentença produzida por um falante nativo, apresentada na figura 5.

Figura 6: representação suprasegmentar da frase *Can you take a call from her?*, produzida pelo falante nativo.



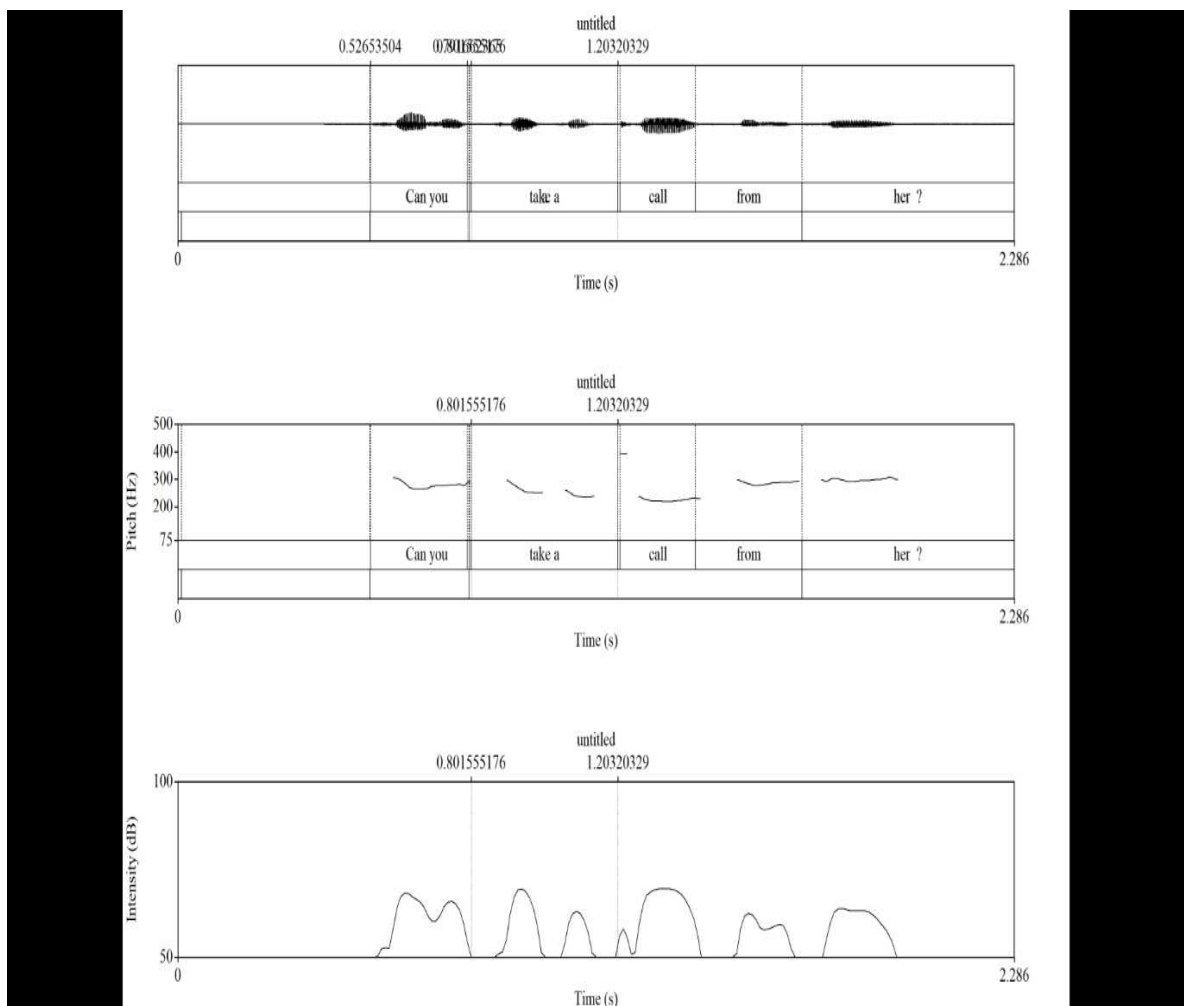
Fonte: arquivo gerado pelo aplicativo PRAAT.

Conforme se observa, as palavras de conteúdo são as emitidas com maior intensidade, mas, de todas elas, a palavra em destaque (call), por ser a última, foi produzida com intensidade superior às demais (73,4 dB), conforme indicado pela linha verde.

O programa também fornece um dado fonético muito importante no que diz respeito à entonação: as variações de frequência que as palavras sofrem no percurso do enunciado. É possível observar que as palavras oscilam entre 75 Hz a aproximadamente 500 Hz.

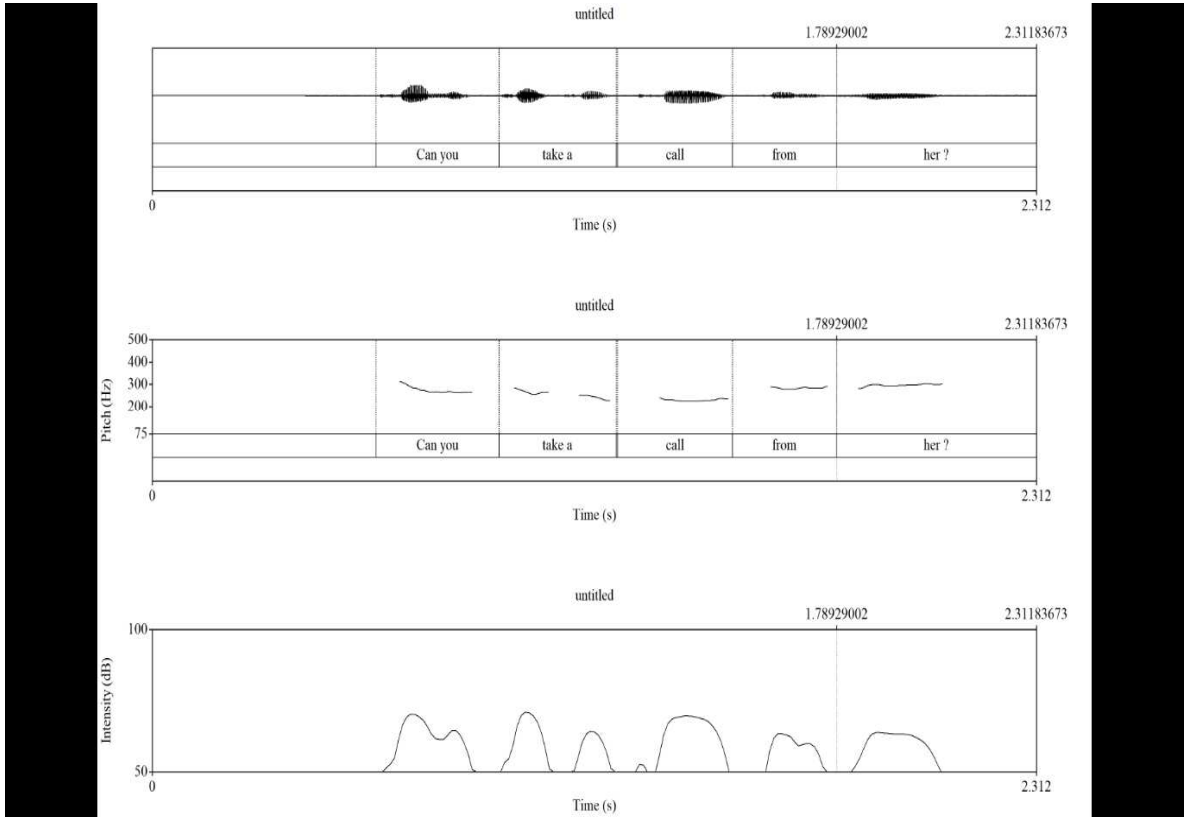
As figuras abaixo apresentam os resultados obtidos para a produção oral do aluno da sentença citada acima.

Figura 7: primeira tentativa do aluno para a produção oral da frase *Can you take a call from her?*



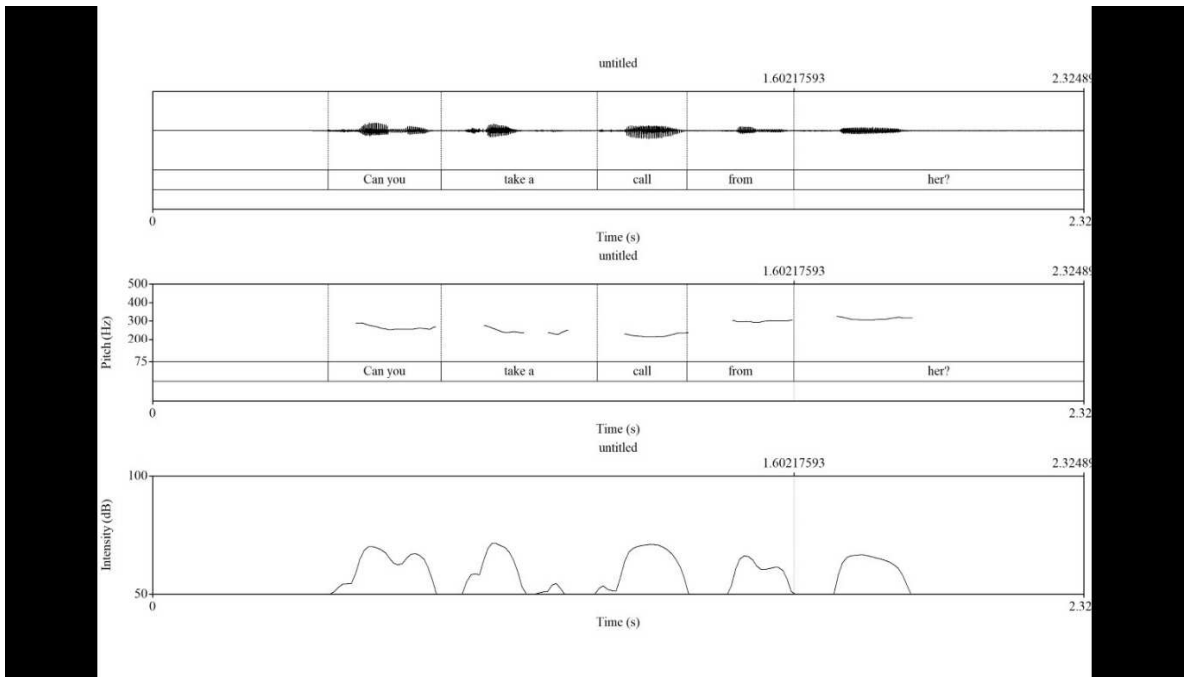
Fonte: arquivo gerado pelo aplicativo PRAAT.

Figura 8: segunda tentativa do aluno para a produção oral da frase *Can you take a call from her?*



Fonte: arquivo gerado pelo aplicativo PRAAT.

Figura 9: terceira tentativa do aluno para a produção oral da frase *Can you take a call from her?*



Fonte: arquivo gerado pelo aplicativo PRAAT.

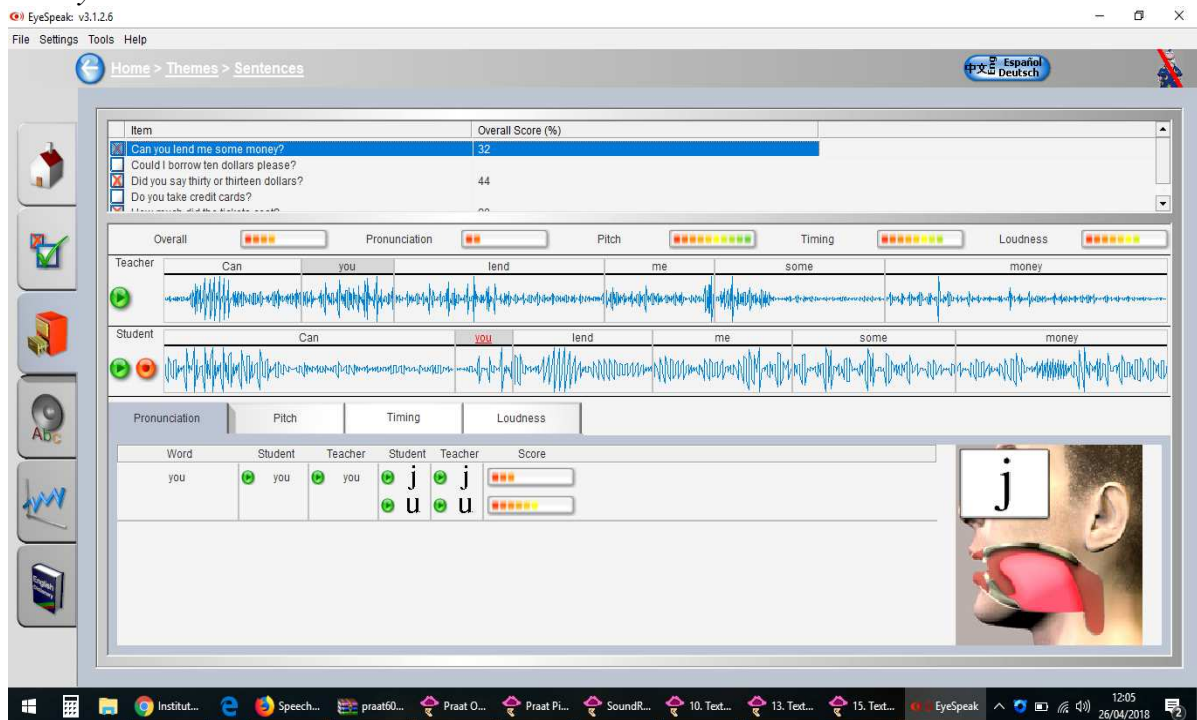
Com base nos dados obtidos, percebe-se que há uma diferença entre a forma que a palavra *call* é produzida pelo falante nativo e a produzida pelo aluno, uma vez que em seus enunciados, o aluno não a emite com maior intensidade do que as demais palavras.

Após esse experimento, conclui-se que o *Praat* é uma ferramenta útil para indicar onde se encontra o desvio da produção oral do aluno no tocante a entonação e a tonicidade dos vocábulos de seu enunciado. Muito embora o problema não tenha sido resolvido de imediato, acredita-se que essa ferramenta pode eliminá-lo após um número maior de tentativas.

Na sequência, foi utilizado o software *Eyespeak English*, para a análise do nível segmentar e suprasegmentar do discurso. Para tal, foi utilizada a frase *Can you take a call from her?*, produzida por um falante nativo, indicado nas figuras pela palavra *teacher*.

Os resultados para os enunciados emitidos pelo aluno foram os apresentados nas seguintes figuras:

Figura 10: primeira tentativa do aluno para a produção oral da frase *Can you lend me some money?*



Fonte: arquivo gerado pelo aplicativo Eyespeak

Figura 11: segunda tentativa do aluno para a produção oral da frase *Can you take a call from her?*

The screenshot shows the EyeSpeak v3.1.2.6 application window. The main area displays a list of items for pronunciation practice. The first item, 'Can you lend me some money?', has an overall score of 30%. Below this, there are waveform comparisons for 'Teacher' and 'Student' for the words 'Can', 'you', 'lend', 'me', 'some', and 'money'. The 'Student' waveform for 'me' shows a significant deviation from the 'Teacher' waveform. At the bottom, a table provides a detailed phonetic analysis for the word 'me'.

Word	Student	Teacher	Student	Teacher	Score
me	me	me	m	m	3/5
			i	i	2/5

Fonte: arquivo gerado pelo aplicativo Eyespeak

Figura 12: terceira tentativa do aluno para a produção oral da frase *Can you take a call from her?*

onte: arquivo gerado pelo aplicativo Eyespeak

Segundo essa ferramenta, o aluno cometeu quatro erros de pronúncia: a produção errônea dos fonemas /j/ e /u/, para a palavra *you*, na primeira e segunda tentativas, e dos fonemas /m/ e /i/ para as palavras *me*, na segunda tentativa.

Ao contrário do programa *Speechace*, esse instrumento, além de apontar onde os erros se encontram, fornece uma avaliação geral e individual dos principais aspectos do enunciado, a saber, sua pronúncia, sua tonicidade, seu tempo de duração e sua intensidade, somado a um quadro com animação, no qual é apresentado como o aparelho fonador se articula para produzir de forma correta os fonemas anteriormente emitidos de forma errônea pelo aluno.

Pela análise do quadro 12, percebe-se que o aluno tem um desempenho satisfatório quanto à tonicidade das palavras, o tempo de duração da frase e seu volume, mas deixa a desejar quanto à pronúncia de algumas palavras.

Sem dúvida, esse é um recurso tecnológico que pode auxiliar muito na correção, tanto do aspecto segmentar como suprasegmentar das produções orais dos alunos.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aquisição do conhecimento da língua inglesa nos dias de hoje é, sem dúvidas, de extrema importância. Mas no percurso rumo a esse objetivo, é necessário que todas as habilidades linguísticas desse idioma sejam vistas com igual relevância, especialmente a habilidade oral.

Certamente, a melhor forma de se desenvolver a habilidade oral de um idioma é o convívio diário com seus falantes nativos, envolvido em sua cultura, mas, com base nos estudos deste trabalho, conclui-se que algumas ferramentas das novas mídias podem também auxiliar o aluno no que diz respeito à essa competência.

Se as instituições de ensino e educadores investirem na aquisição de conhecimentos e recursos tecnológicos modernos para o ensino de idiomas, certamente trarão um grande benefício para o desenvolvimento da competência oral dos alunos na língua inglesa, tornando-os aptos a se incluírem nos vários grupos sociais e em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo, onde o sucesso dos indivíduos depende, dentre outros fatores, de sua comunicação oral com seus interlocutores.

6- REFERÊNCIAS

ANDERSON-HSIEH, J. **Approaches Toward Teaching Pronunciation: A Brief History**, New York: Cross Currents, 1989.

CELSCE-MURCIA, M. **Teaching Pronunciation as Communication**, in: Morley, Joan (ed.), *Current Perspectives on Pronunciation*. Washington, DC: TESOL, 1987.

DERWING, Tracey / ROSSITER, Marian / MUNRO, Murray J. (2002), **Teaching Native Speakers to Listen to Foreign-Accented Speech**, in: *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, London, September, 2002, pp. 245-259

GILBERT, J. **Pronunciation as orphan: What can be done? Speak Out!**, 2010.

HARMER, J. **The Practice of English Language Teaching**. London: Longman, 2001.

KRASEN, S. D. **Second Language Acquisition and Second Language Learning**. Prentice-Hall International, 1988.

LAMBACHER, S. **Spectrogram Analysis as a Tool in Developing L2 Pronunciation Skills**, in: *Speak Out!*, London: IATEFL, 1996.

- LEVY, M. **Computer-assisted language learning**. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- MEGDA, S.I.D. **Efeitos da aplicação de vales na aprendizagem de história do Brasil: um estudo com adolescentes marginalizados**. São Paulo: Editora da USP, 1975.
- MOITA LOPES, L. P. **Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercados das Letras, 1996.
- MORLEY, J. **The Pronunciation Component in Teaching English to Speakers of Other Languages**, in: TESOL QUARTERLY, Vol. 25, No. 3, Autumn, 491-520, 1991.
- NEGROPONTE, Nicholas. **Being Digital**. New York: Alfred A. Knopf, 1995.
- PAVLIK, John V. **New Media Technology: Cultural and Commercial Perspectives**: 2nd ed. Boston: Allyn and Bacon, 1998.
- NERI, A. et al. **The Pedagogy-Technology Interface in Computer Assisted Pronunciation Training**, in: "CALL Journal" 15/5, 441-467, 2002.
- POURHOSEIN GILAKJANI, A. **A Study of Factors Affecting EFL Learners' English Pronunciation Learning and the Strategies for Instruction**. International Journal of Humanities and Social Science, 2 (3), 119 -128, 2012.
- SANTAELLA, L. **A crítica das mídias na entrada do século XXI**. In: PRADO, J. L. A. Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas. Rio de Janeiro: Hacker Editores, 2002.
- SANTOS, P. R.; NEGRÃO, J. **Compreensão e produção oral em aulas de inglês**. 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/17528.pdf?PHPSESSID=2010061811214647>. Acessado em 20 de novembro de 2010.
- WALKER, R. **Technology for pronunciation**. English Teaching Professional, 95, 29-31, 2014.
- WILLIAMS, F. et al. **Research Methods and the New Media**. New York: The Free Press, 1998.
- WILLIAMS, F. et al. **Social Aspects of New Media Technologies**. In J. Bryant & D. Zillman (Eds.), Media Effects: Advances in Theory and Research (pp. 463-82). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 1994.

Recebido em abril 2018
Aprovado em junho 2018